

ouverture_pre.lú.di.o

DUARTE SANTO

Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira
University of Westminster

ANA SALGUEIRO

Divisão de Cultura e Turismo da Câmara Municipal do Funchal
Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa
Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira

Deleguei em Atena
o poder que me foi dado
para defender a cidade
[...]

abri o mundo e li
o que não sei
dos dias de viver aqui
[...]

Irene Lucília Andrade, *Protesto e Canto de Atena*

Em *Protesto e Canto de Atena*, um livro de poesia publicado por Irene Lucília Andrade (Funchal, 06.02.1938), em 2001 e numa pequena editora *local* de Leiria, a autora madeirense realiza um movimento e assinala um gesto liminar que, em certa medida, reencontramos neste número inaugural da edição *online* da revista *TRANSLOCAL. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas*: o movimento do salto que transporta um fenómeno cultural (a edição do livro de uma autora funchalense) dos lugares da ilha para uma outra localidade, onde, de facto, se materializa; e o gesto de *abrir o mundo* para nele *ler as malhas que tecem a vida no aqui e agora* (da cidade), em busca do que ainda se desconhece (ou mal conhece) dessa realidade, simultaneamente familiar e estranha. Um *aqui e agora* (i. e., um *lugar local*) que, neste número da revista, é, sem dúvida, o Funchal contemporâneo,

pensado na sua dinâmica e nas suas alargadas fronteiras translocais. Isto, desde logo, pelo facto de, nesta primeira edição, se incluírem contributos de autores residentes ou não na cidade, e que *sobre ela* ou *com ela* refletem para construir e partilhar não apenas conhecimento, mas também o seu trabalho de criação artística, como acontece nos casos de Ana Margarida Ferraz (Pemba/Moçambique, 1964), Dalila Teles Veras (Madeira, 1946), Evangelina Sirgado de Sousa (Funchal, 1952), Lucília Monteiro (Santa Cruz, 1966), Teresa Jardim (Funchal, 1960) ou a banda VÉRTICE (Funchal, 2015).

Constituindo um número regular da revista TRANSLOCAL que, sediada no Funchal (numa parceria entre o Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira e a Câmara Municipal do Funchal), se inscreve num projeto com maior alcance e orientado para (entre outras valências) a divulgação e a promoção quer do estudo, quer da reflexão crítica sobre fenómenos culturais contemporâneos locais e urbanos, esta sua primeira edição *online*, livre de uma temática específica, tomou (não por acaso, certamente, e sem que isso constituísse determinação *a priori* da coordenação da revista) o Funchal como *topos* particular de interesse. Em grande medida, é a partir daqui (ou passando por aqui) que os autores dos trabalhos publicados pensam o local e o espaço urbano contemporâneos, desenvolvendo reflexões em que a capital insular (explícita ou implicitamente) sempre surge em articulação com uma multiplicidade de outros lugares geoculturais e com outras temporalidades que a cronologia convencional coloca fora do ano de 2017 ou até dos séculos XX e XXI.

Na verdade, os *textos* aqui reunidos, pelas potencialidades da edição *online*, não se limitam à inscrição verbal, abrindo-se a outras textualidades visuais (p. ex., os três ensaios visuais, ou as muitas imagens que se encontram nos restantes trabalhos publicados) e também às textualidades musical e audiovisual (presentes em “Espelho” do projeto musical e poético VÉRTICE. *Em Legítima Defesa da Poesia Insular*, vídeo e canção criados a partir do poema homónimo de Cabral do Nascimento). Pelo cruzamento destas diversas linguagens e distintos discursos, o

n.º 1 de *TRANSLOCAL* abre-se (e abre-nos o olhar) também para *um Funchal* complexo, cujas imagens e narrativas (heterogéneas e por vezes até contraditórias) se constroem a partir das experiências, das perceções, dos imaginários e dos vários enquadramentos culturais, ideológicos e/ou teórico-conceptuais dos seus distintos autores: artistas visuais, investigadores académicos, músicos, poetas ou outros agentes culturais.

Deste modo, quer pelos fenómenos que constituem objeto de reflexão cultural, artística, testemunhal ou académica nos *textos* publicados, quer pelos discursos que lhe dão forma, o n.º 1 da *TRANSLOCAL online* apresenta, ele próprio, a marca da heterogeneidade híbrida e translocal.

Assim, neste número inaugural da revista, ora num registo mais descritivo e opinativo, ora numa vertente mais testemunhal (ver, p. ex., a secção “Diálogos”), ora num formato mais problematizador e de maior aprofundamento académico, ora ainda numa orientação mais artística, analisa-se e discute-se um conjunto alargado de temas/questões.

Partindo de trabalhos de criação visual que revisitam espaços e imagens do Funchal, a secção “Ensaios” inclui contributos de Lucília Monteiro (fotografia a preto e branco), de Evangelina Sirgado de Sousa (fotografia recriada por computador) e de Ana Margarida Ferraz (fotografia manipulada pelo desenho) que, num registo simultaneamente criativo e reflexivo, discutem quer sobre a experiência contemporânea dos dispositivos imagéticos e o modo como estes, em íntima relação com o(s) corpo(s) (quer os representados, quer os que constroem a representação), fundam, hoje, a nossa experiência e, conseqüentemente, a nossa construção dos lugares (“Lugar e Corpo”); quer sobre as fronteiras entre natural/artificial no espaço urbano e a sua construção/questionação/dissolução na arte contemporânea (“Nuvem Única [...]” e “Tudo se Inicia e Termina com a Natureza [...]”).

Na secção “Artigos”, Ana Paula Almeida faz-nos recuar até à transição entre os séculos XIX e XX, para analisar a relevância do cinema como fenómeno cultural

determinante no tecer social das cidades contemporâneas (Funchal, Lisboa, etc.). Cidades onde, afinal, o urbano se cruza frequentemente, hoje e ontem, com o rural. Por seu lado, ainda nesta mesma secção, Naidea Nunes Nunes, retomando o trabalho que, nos últimos anos tem desenvolvido sobre as relações interlinguísticas e interculturais transatlânticas, associadas à atividade e à terminologia açucareiras, sublinha a importância do Funchal nesse Atlântico, hoje, linguística, cultural e politicamente tão híbrido e problemático, mas cuja compreensão exige um olhar e um pensamento retroativamente expandidos até ao século XV e XVI.

Em “Diálogos”, secção da revista destinada à publicação de entrevistas e/ou testemunhos relevantes para o entendimento tanto das dinâmicas translocais que fundam os espaços urbanos, quanto da complexidade, dos problemas e das aporias detetáveis nas culturas contemporâneas, deparamo-nos com a questão da mobilidade humana e cultural entre o Funchal e outros mundos. Dalila Teles Veras, escritora natural da Madeira, mas com uma relevante e já longa obra de criação literária e de dinamização cultural no Brasil, equaciona, pelo filtro artístico da sua poesia e da sua fotografia, as muitas *dualidades*, as perdas e os ganhos que a experiência humana da viagem migratória (do Funchal para o Brasil) potencia. Idalina Camacho e Naidea Nunes Nunes, docentes do Curso Intensivo de Verão para Lusodescendentes da Universidade da Madeira (designado “Língua Portuguesa, Literatura e Cultura Madeirenses”), acompanhando o percurso inverso do movimento migratório insular, testemunham a experiência pessoal de participação nesse curso e de convívio com segundas e terceiras gerações migrantes, divulgando ainda alguns resultados obtidos no âmbito desse projeto formativo que se desenvolve no arquipélago, com uma regularidade anual, desde 2013.

Na secção final de divulgação bibliográfica, publicamos a sugestão de leitura de Filipe dos Santos, que nos propõe uma viagem pelas *Imagens Antigas do Funchal Urbano*, título e tema do último número especial da revista *Arquivo Histórico da*

Madeira, organizado por Jorge Valdemar Guerra e publicado no Funchal, em 2017, pelo Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira (SRCT/DRC).

Este número da TRANSLOCAL *online* inclui ainda três outros contributos, na secção “Olhares Cruzados”, destinada à divulgação de trabalho inédito (ou esquecido/ignorado) de criadores, cujo trabalho assuma relevância nos sistemas culturais locais onde se manifesta. Desta vez, a escolha da coordenação da revista recaiu sobre o projeto musical e poético *VÉRTICE. Em Legítima Defesa da Poesia Insular* (que, durante o mês de dezembro realizou, em vários locais culturalmente significativos do Funchal, um ciclo de concertos, para homenagear poetas nascidos na cidade) e Teresa Jardim, artista plástica e poetisa (a única mulher com obra musicada pelos *VÉRTICE*), também ela nascida na capital insular. A convite dos *VÉRTICE*, esta secção inclui uma nota de leitura de Marcelino de Castro, em que este autor, recuando até à Antiguidade Clássica, enquadra o projeto de Tozé Cardoso, Rui Camacho, António Plácido e Miguel Camacho numa antiga tradição ocidental, lembrando como, nos sistemas culturais gregos e latinos, poesia e música se encontravam intimamente ligados, desde a sua génese. Deste modo, Marcelino de Castro procura legitimar a coerência e validade do trabalho de criação e divulgação artística do projeto *VÉRTICE*. Fazendo a ponte entre o trabalho desta banda e a obra visual e literária de Teresa Jardim, Ana Salgueiro procura demonstrar quanto de translocal e inquestionavelmente contemporâneo se encontra quer na poética musical desse projeto interartes acolhido pela Associação Musical e Cultural Xarabanda (uma contemporaneidade urbana que integra, porém, fragmentos de uma cultura ancestral, de matriz popular e rural), mas sobretudo na poética visual e literária de Teresa Jardim (uma translocalidade contemporânea, fortemente implicada no território e no tecido cultural da ilha, quanto mais não seja pela vertigem dos abismos e das feridas abertas nesse mundo notória na escrita da artista).

Em 1972, com a publicação do seu romance-ensaio *Le città invisibili*, Italo Calvino, interrogando-se sobre o que seria uma cidade, revia o conceito

meramente físico e estritamente político-administrativo de *urbe*, assumindo que esta, para além dos acidentes geográficos, do património construído e das fronteiras geopolíticas que a caracterizam, é também um conjunto de memórias, de desejos, de sinais de linguagem e de discursos. Neste sentido complexo, a cidade é, para Calvino, acima de tudo um lugar de *permuta* (câmbio-negociação) e, portanto, um espaço que extravasa os confinamentos muralhados da cidade clássica e medieval. A cidade é assim entendida como espaço urbano multidimensional (físico, mas também imaginário, afetivo e hoje cada vez mais virtual) que, de ponto concêntrico, passa a ser concebido como mancha difusa e fragmentária, que se espraia também para distintas temporalidades, como tem demonstrado, entre outros autores, Álvaro Domingues, por exemplo, no seu seminal *Rua da Estrada*. Trata-se, portanto, de uma espacialidade marcada quer por uma orgânica fragmentária, assimétrica e multirradicular, quer pelas dessincronias do contemporâneo, esse tempo impuro, composto e caleidoscópico onde, como bem notou Walter Benjamin na sua reflexão sobre o *agora* (i.e., o moderno que aqui fazemos coincidir com um conceito alargado de contemporâneo), se encontram e se sobrepõem restos e experiências de diversas temporalidades.

Este é, afinal, o paradigma de cidade que o conjunto de *textos* agora editados no n.º1 da TRANSLOCAL *online* nos dá a ver do Funchal contemporâneo. Uma cidade-lugar muito mais definida (ainda que instavelmente) a partir de fenómenos de *proximidade relacional* do que dos ancestrais fenómenos de estreita vizinhança e de proximidade física. Um Funchal construído através da experiência pessoal e da percepção dos sujeitos que o habitam ou visitam, matérias primas fundamentais para a contínua atualização das suas próprias noções e referências do que é um local e do que é uma cidade. Uma urbe complexa, tecida pelo cruzamento de uma pluralidade de vozes e olhares diversos. Um local que, nessa medida e à semelhanças de outras cidades contemporâneas, se constitui ora como tecido denso e distendido para além da sua geografia física e política, ora como sistema complexo onde se *en-contram* vários *lugares-tempos*, navegados seja através da mobilidade humana,

seja através da memória, seja através dos afectos, seja até através de imagens em permanente revisitação e recomposição.

Abrir o mundo, para nele ler o que se não sabe ainda dos dias de viver aí... Este é o gesto indicado por Irene Lucília Andrade como melhor caminho para servir e defender a cidade. E não é por acaso que no poema dessa autora evocado na abertura deste pre.lú.di.o, a cidade é colocada sob a égide de Palas Atena, a deusa/símbolo do conhecimento, das artes e da urbanidade. É certo que conceitos como urbanidade ou conhecimento variam histórica e geoculturalmente. É certo que a urbanidade e o conhecimento da Hélade são bem distintos da(s) urbanidade(s) e do(s) instável(is) conhecimento(s) da contemporaneidade. Porém, continua válido o gesto de abrir o mundo para, nele, se procurar a resposta às perguntas: o que é a cidade contemporânea? O que é, hoje, um local?

Duarte Santo

Arquiteto, urbanista, paisagista, é também docente universitário e investigador. Duarte privilegia abordagens transdisciplinares, quer na exploração de ferramentas de reflexão e intervenção sobre dimensões espaciais, sociais e culturais da realidade, quer no cruzamento entre arquitetura, paisagem e turismo. Licenciado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e com pós-graduação em Planeamento e Desenho do Ambiente Urbano, pela mesma universidade, concluiu o Mestrado em Arquitetura da Paisagem pela Universidade Politécnica da Catalunha. Atualmente, desenvolve investigação onde explora noções de co-criação, *emergence* e *assemblagem* na relação entre paisagem e turismo, em espaços insulares. É professor de Architectural Design, Skills and Fabrication na University of Westminster, em Londres, onde também leciona módulos curriculares em “Island Tourism” e “Eventful Cities”, no curso de Turismo. Nessa mesma universidade, orientada Projetos Finais de Licenciatura. Na Universidade de Cardiff tem lecionado a disciplina de Projeto Urbano, no Masters in Urban Design (MAUD). Concebeu e coordenou o projeto curatorial “A2V: olhares, visões e expressões da paisagem contemporânea da Madeira”, que resultou numa exposição no MUDAS, em 2013; o workshop internacional “Landscape & Tourism in Zagreb”, na Croácia; e, mais recentemente, TRACE, um projecto de research/creation e exposição, que integrou o London Festival of Architecture, em 2017. Atualmente é coordenador do Grupo de trabalho UMa Paisagem CIERL, da Universidade da Madeira, e da Comissão organizadora do III Colóquio Internacional INSULA. Para Além de Natureza/Artifício. É editor convidado da seção temática “Discursos Periféricos de Modernidade” no Urban Islands Studies, e é co-fundador, coordenador e editor de TRANSLOCAL. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas – um projeto multidisciplinar que promove a reflexão e a produção intelectual e artística, no diálogo acerca de culturas urbanas locais e globais.

Ana Salgueiro

É doutoranda em Estudos de Cultura na Universidade Católica Portuguesa (UCP); mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e licenciada em LLM-Estudos Portugueses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Desde setembro de 2017 é colaboradora na Divisão de Cultura e Turismo da Câmara Municipal do Funchal. É investigadora integrada no Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa (CECC-UCP) e é investigadora colaboradora no Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira (UMa-CIERL). Nas áreas dos Estudos Literários, Estudos de Cultura e Estudos Insulares, o seu trabalho tem-se ocupado sobretudo dos sistemas culturais da Macaronésia

Lusófona, abordando questões como: o exílio e a mobilidade humana, cultural e textual; as implicações entre cultura e poder; a relação entre fenómenos culturais, imaginários e fenómenos naturais; o papel dos discursos artístico e académico nas sociedades contemporâneas. Este trabalho tem sido apresentado em reuniões científicas e eventos culturais, encontrando-se publicado em livros, atas e publicações periódicas especializadas, nacionais e internacionais. Integra o Conselho Científico do Laboratório Galego de Ecocrítica, o Conselho Científico da revista *Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série* e a Comissão de Leitura da revista *A.Poética*. É coautora e coordenadora do projeto editorial *TRANSLOCAL. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas* e coautora dos livros *Vozes de Cabo Verde e Angola. Quatro Percursos literários* (2010) e *Cabral do Nascimento. Escrever o mundo por detrás de um monóculo e a partir de um farol* (2015). No UMa-CIERL, coordena o núcleo de investigação TRATUÁRIO. Percursos para a História da Cultura Madeirense (linha de investigação K I N E S I S).